

## POR RASTROS DA HETERONORMATIVIDADE NAS PRÁTICAS DO TANGO DANÇA: UMA ENTREVISTA COM LIDIANI EMMERICH<sup>1</sup> E GABRIEL BARBOSA FERREIRA<sup>2</sup>

Leonardo José Taques<sup>3</sup>

Lidiane Emmerich e Gabriel Barbosa Ferreira vivem em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde dançam e ensinam danças de salão e desenvolvem um trabalho com o tango. Vindos de distintas áreas - Lidiane da dança clássica, formada pela escola de dança do Teatro Bolshoi no Brasil, e Gabriel da música, formado em fisioterapia -, eles se encontraram nas danças de salão em 2003. Desde 2005, têm atuado profissionalmente com o tango, desenvolvendo diferentes abordagens para a prática e o ensino. Atuantes no cenário nacional com professores, dançarinos e coreógrafos, eles também criaram e dirigem a companhia de dança “Grão”, voltada a pesquisas com as danças a dois, e desenvolveram ao longo dos anos um projeto chamado “Tango Experiência” que tem o tango como objeto de estudo central.

Conheci-os em cena, numa apresentação de tango em 2009. Já naquela época, a proposta se mostrava distinta do que se via de tango, deixando algumas pistas de inovação – Lidiane estava descalça, o que, para o universo mais tradicional do tango, é um escândalo; Gabriel, sentado em cena, inicia tocando uma música ao violão, ambos com roupas leves e frouxas. Foi arrebatador, não pela virtuosidade ou pela música impactante, nem pela sequência rápida no final com uma acrobacia já esperada, características dos trabalhos de tango tradicionais, mas, sim, pela proposta de leveza e fluidez, por apresentarem um outro caminho para a experiência com o tango.

301

---

1 Lidiane Emmerich Lidiane é Licenciada e Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/2009) com aprofundamento em Educação Física Especial; Pós-graduada em Dança: Educação e Cultura pela IPEGEX (2014).

2 Gabriel Barbosa Ferreira foi graduando de Fisioterapia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL); tem formação em Watsu (fisioterapia aquática) pela UNISUL e Andreia Monteiro (2013 e 2014); juntas fizeram o ano 1 do curso de qualificação em Tango Dança na Escola do Teatro Bolshoi no Brasil (2012) e a formação em educação somática pelo NÚCLEO 8 - de Débora Bolsanelo (2018/2019).

3 Aluno do Mestrado Profissional em Artes (PPGARTES), da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Linha de Pesquisa: Experiências e mediações nas relações educacionais em arte. E-mail: ljtaques@gmail.com

Desde esse dia, quando os conheci pessoalmente, novos encontros aconteceram, bem como colaborações mútuas. A trajetória desses profissionais, seja no ensino, na promoção e na cena, demonstra uma preocupação com o que o tango pode proporcionar a todas as pessoas, de modo a permitir uma experiência de interação e respeito. Desde o início do envolvimento de ambos com o tango, houve a percepção e a indicação de que eram corpos que se movimentavam e que os movimentos eram realizados por qualquer uma das pessoas. Isto é bastante peculiar e também me motivou a convidá-los para esta entrevista, em razão de minha pesquisa de mestrado denominada “Entre o baile e a sala de aula: da relação e de possíveis atualizações para o processo de ensino do tango”.

O objetivo da entrevista foi levantar informações e entender como a heteronormatividade fez ou continua fazendo parte das práticas de tango, como nos ambientes das milongas e/ou em salas de aula, onde são ensinados diferentes métodos. A entrevista busca ainda entender como profissionais, como Emmerich e Ferreira, transitaram entre a prática de um tango mais conservador em seus protocolos e regras de conduta e comportamento e um tango que desafia o *modus operandi* tradicional. A compreensão de como se formulam novas práticas do tango é parte desta entrevista e de outras duas, realizadas no âmbito da metodologia adotada no terceiro capítulo de minha dissertação de mestrado acima mencionada.

Esta entrevista foi realizada no dia 31 de dezembro de 2020, às 14 horas, via plataforma Zoom, e teve duração de 1h40min. Após a transcrição, a edição aqui revisada e reduzida foi submetida aos entrevistados que não fizeram objeções à maioria dos cortes.

**Leonardo Taques** — Como e qual foi a sua primeira experiência/memória em relação ao tango?

**Lidiani Emmerich** — Comigo foi quando entrei na dança de salão em 2003. Já tinha uma caminhada em outras danças individuais, tinha formação em balé clássico e, quando entrei na escola “Casa da Dança Luiz e Laura”, existia um grupo de apresentação. Quando eles souberam que eu era bailarina, acho que eu tinha uns dois meses na escola, eles me chamaram para fazer parte desse grupo, porque estavam por fazer uma coreografia de tango. Eu nunca tinha visto, quero dizer, já tinha visto, mas nunca tinha dançado tango, então, a minha primeira experiência corporal relacionada ao tango foi com uma coreografia.

A gente começou a dançar juntos numa mesma companhia em 2005 e tivemos mais contato com o tango, regularidade de aula e as coreografias de modo geral que eram trabalhadas nessa companhia.

**Gabriel Barbosa Ferreira** — Eu também comecei na dança de salão em 2003, mas diferente da Lide [Lidiane] eu vinha da música. Então, a dança de salão foi minha primeira referência de movimento. Nós nos conhecemos na escola “Casa da Dança Luiz e Laura”. Minha primeira aula de tango foi em 2004, inclusive na época não tinha uma turma de tango, nunca tinha feito aula regular. Em seguida, fiz o Workshop do Pablo Garcia, organizado pelo Luiz junto com Fabiano Silveira, que trouxeram ele para cá. Eu caí de paraquedas nesse outro Workshop que aconteceu, foram dois dias, e essa é a minha melhor lembrança. Não lembro muito bem o que aconteceu, da sensação, mas lembro que foi o momento em que me identifiquei bastante com a forma de movimentação, principalmente com o tipo de música, que comecei a estudar mais profundamente.

**Lidiani Emmerich** — Depois de um tempo coincidiu com as nossas idas a Buenos Aires. Foi quando a gente começou a se empolgar para estudar. Desde o começo, quando começamos a dançar juntos, a gente enviava muitos vídeos um para o outro, era uma prática, e olhava o que achava legal. Então, quando a gente se encontrava, experimentava, trabalhava os movimentos, não era algo, vamos dançar um tango na arte, com abraço para desfrutar. Era um início de pesquisa de movimento, e a gente sempre foi muito curioso em relação ao corpo, a gente sempre teve um trabalho muito relacionado também com as referências não só afetivas ou psicocomportamentais, muito mais naquele momento a parte mais biomecânica, a gente tem uma pira por saber como as coisas funcionam, sobre modos menos agressivos para o corpo. Então, assim eu sempre tentava buscar sensorialmente, mas não desde uma conexão emotiva como razão de dançar o tango, mas, assim, bem a partir do que aquele corpo é, do que se movimentava naquele corpo, do que aquele corpo produzia de sensação, de sentimentos ao se movimentar. Acho que naquele momento a gente caminhava um pouco por esse sentido, não é Gabi?!!!

**Leonardo Taques** — Vocês já inseridos, fazendo parte do tango como um campo social, usando o conceito de Bourdieu. Na experiência de vocês em relação aos dois subcampos que fazem parte do tango, o do ensino-aprendizagem institucional (sala de aula) e o da prática social, em específico, o baile/milonga onde as pessoas vão para dançar, na percepção de vocês, esses ambientes teriam diferenças? Quais seriam?

**Lidiani Emmerich** — Tenho muitas percepções, na verdade. Eu acho que nesse momento de que te falei, quando a gente estudava os movimentos, curiosos pelos caminhos possíveis de acesso de um corpo para o outro, acho que a gente sempre teve uma pira bem grande pelo quanto que a gente poderia tornar acessível o nosso movimento para o outro e disponibilizar a nossa movimentação para alteração do outro e vice-versa. E aí quando a gente foi começando a observar a inserção disso nesses ambientes, a gente já percebeu que existia. O que sempre me chamou a atenção foi o conjunto de regras que eu achava bobo, eu sempre achei bobo desde sempre. Algumas coisas que tinham a ver com o ambiente, eu acho bonito, acho legal e genuíno o modo como às vezes as pessoas vão e se entregam a isso tudo. Eu acho lindo, mas às vezes aquele contexto de você precisar estar de um jeito ou de outro, você percebe por exemplo, que o tango é uma cultura que a gente empresta de outro lugar. Vimos uma vez um espetáculo que me chamou a atenção e utilizava um termo “replântio”, quando você pega uma plantinha de outro lugar e planta e rega com a sua água, então eu acho isso muito lindo. Sinto isso na nossa dança, porque a gente rega com a nossa água e respeita muito esse regar. Mas quando observo esse tango trazido para o Brasil, percebo por exemplo a criação de espaços bastante elitizados, um espaço assim na maior parte das vezes inacessível. Claro que hoje em dia a gente já conseguiu transformar muito isso, mas acho que é dentro das primeiras percepções tentando resgatar uma memória. Tenho essa memória bem forte, a de que as pessoas escolhiam a roupa que iriam, escolhiam um sapato que iriam a dedo para aquela situação. Existia ali uma formalidade bem organizada até mesmo na organização do modo como as músicas são dispostas nas *tandas*<sup>4</sup>. Existe toda uma condução muito forte daqueles que frequentam. A gente já teve algumas ocasiões em que tentava estimular as pessoas a irem,

---

4 Tanda é o nome dado ao conjunto de três a quatro músicas de tangos, geralmente da mesma orquestra, intercaladas por um trecho de uma música de aproximadamente 30 segundos que separa uma tanda da outra.

um amigo a ir de camiseta, e aí uma outra pessoa dizer assim: “mas você vai de camiseta para a milonga?”. Então essas são coisas que me marcaram muito como um lugar que não é o que eu busco, não é o que eu entendo como tango. Para mim o tango é outra coisa.

**Leonardo Taques** — Para você como mulher, existe alguma coisa que te chame a atenção pelo fato de ser mulher?

**Lidiani Emmerich** — Para mim, por exemplo, as formalidades lá de Buenos Aires eu acho muito tolas. Contudo, como não estou inserida nessa cultura, é até tolo eu falar que acho tolo. Mas, com todo respeito daquele que não está inserido naquela cultura, para mim, o fato de eu precisar olhar para um homem e esperar que ele faça o *cabeceio*<sup>5</sup> é algo que não tem nada a ver com o que acredito para mim.

**Leonardo Taques** — Vocês vivenciaram algum tipo de violência simbólica, emocional, seja qual for, e/ou alguma experiência machista?

**Gabriel Barbosa Ferreira** — Teve um bem marcante, verdade. A gente foi a um campeonato em Curitiba, não me lembro o local. Uma classificatória para o mundial 2011, da qual participavam vários casais do Brasil todo. Passamos na semifinal, na final a gente dançou, e o casal de jurados de fora veio nos dar os parabéns pelo nosso trabalho, e um deles comentou: “adorei a dança de vocês, só tem uma crítica para vocês, que é para você segurar o quadril da sua mulher, precisa segurar o quadril da sua mulher, ela mexe muito quadril”. Fiquei sem reação.

**Lidiani Emmerich** — É um jogo, e todo jogo tem suas restrições, suas regras. Assim, a gente ficou bem tranquilo, sabendo que existiam regras, muito embora a gente as achasse desnecessárias. Como o Gabi falou, a gente não acredita nisso, uma pessoa que vai se lançar no salão vai dançar do seu jeito, ela não precisa dançar de um jeito específico, direitinho. Nós entendemos o jogo e experimentamos as regras como restrição para reparar como que seria isso no nosso corpo. Foi uma fala bem infeliz. E hoje a gente fala, estamos no Brasil, como é que eles querem parar um quadril que nasceu se mexendo? É muita pretensão de uma prática querer modificar, mudar um corpo; então, a gente no fim deu risada, a maneira como foi dita que gerou estranhamento.

---

<sup>5</sup> *Cabeceio* é o gesto com a cabeça que o homem faz para a mulher quando a escolhe e a convida para dançar.

**Leonardo Taques** — E para você Gabriel, como homem, quais suas percepções sobre experiências assim?

**Gabriel Barbosa Ferreira** — Voltando um pouco lá naquele começo que a gente falou, da primeira aula, a parte que a gente se encontrou, no início da companhia, também em 2005, ali, nesse lugar de treino, foi mais essa parte de coreografia, mais apresentação, já houve uma busca corporal diferente. Uma fisioterapeuta que nos acompanhava foi a pessoa que acabou plantando essa ideia na nossa cabeça e levou o nosso olhar para esse lugar de olhar o corpo, olhar o movimento biomecânico. Essa pessoa foi a Catarina Cortez. E, querendo ou não, esse olhar sempre acabou sendo um vetor, senão o principal, sempre foi muito importante. Mas, falando por mim, é um dos principais. E, querendo ou não, quando a gente começa a olhar para esse lugar do corpo, somos levados para outro lugar também, que não só uma questão estética, ou talvez de qual tango esteja fazendo, tradicional ou tango novo. Um lugar de não classificar exatamente esses lugares, qualquer que seja o lugar que as pessoas queiram classificar. Então a gente talvez tenha ficado um pouco mais livre, talvez por esse olhar. Essa questão de relação para mim entrou também bem nesse lugar corporal, no sentido de como a nossa pesquisa de condução, também desse papel de conduzir e ser conduzido, foi também muito pesquisado por pequenos ajustes, pequenas modulações corporais. Pensa assim, a gente acabou trabalhando muito nessa questão de ação e reação mesmo, no sentido do que o movimento de uma pessoa produz na outra. A gente trabalha numa ideia de composição e acontecimento. Resumindo os pontos, a gente foi se atentando para essas questões, porque às vezes o que a gente escutava e até o que eu falava não estava condizente com o que a gente estava pesquisando. Porque, se um movimento do meu corpo provoca alguma coisa nela e vice-versa, se ela pisa de um jeito ou pisa de outro, isso é uma informação que chega para mim. E não tem o que eu quero, tem o que está acontecendo. Então, a gente começa a trabalhar com essa ideia de composição mesmo, tentar lidar e criar recursos para esse acontecimento.

**Leonardo Taques** — Sobre experiências e vivências da docência, como vocês percebem o ambiente de ensino-aprendizagem?

**Gabriel Barbosa Ferreira** — Tiveram congressos que a Lidi acabou não participando e eu acabei estando presente. Sempre fui muito “caxias”, no sentido de ver o movimento dos professores e professoras, corporal mesmo. Então, eu tinha meio que um olhar *scanner*, assim, se ele vira o pé em tantos graus, eu fui tentar virar tantos graus. É difícil, mas eu meio que colocava aquele corpo dentro de mim. Foi um momento de sensação para essas formas de se mexer, tentar trabalhar um pouco esse automovimento, porque, querendo ou não, nas aulas eu treinava muito e escutava muito o que eu tinha que fazer para ela sentir vontade de fazer algo. No caso, querendo ou não, eu me sentia por um tempo, me excluindo um pouco de trabalho corporal de movimento, parece é que nem o foco era sempre no movimento dela.

**Lidiani Emmerich** — E vice-versa sempre teve muita política do dançar para o outro e, na verdade, a gente está dançando para a gente, e estamos reverberando um para o outro e agenciando essas reverberações, não tem muito como excluir isso. Lembrei de um fato agora nessa última Bienal de Tango de Florianópolis<sup>6</sup>, agora e há muito tempo eu me incomodo com uma coisa, já que a gente está falando também sobre essas relações de poder de alguma forma, que existem aí entre os gêneros e especialmente no tango, onde é bem escrachado esse lugar ainda infelizmente. Sempre me incomodei muito com aquele mundo de mulheres sem dançar, sempre perguntava para cada uma: vocês gostam é de dançar, por que vocês simplesmente não se abraçam e dançam? Não dançam e ficam nessa referência de ter que esperar por um homem para dançar, e isso sempre foi uma máxima nas aulas de tango também: tem que ter bolsistas homens, tem que ter bolsistas homens porque quem tem bolsistas homens. Sempre me incomodou.

Fomos convidados para participar das aulas, e a gente poderia ter ficado dançando, fazendo a aula juntos. Tinha tantas mulheres lá sem dançar, porque não se disponibilizaram a fazer a aula independente do papel que estava sendo estabelecido ali. Elas queriam e escolheram, que elas só queriam ser naquele momento conduzidas, e elas escolheram aquele papel, que naquele lugar estava sendo dito como o papel da mulher. Esse é um lugar que ainda é bem forte nas aulas. Isso é dito: o papel da mulher, o papel do homem.

---

<sup>6</sup> Bienal de Tango de Florianópolis foi a décima edição em 2019, evento organizado por Fabiano Silvestre, que movimenta o tango nacional e internacional, com presença de grandes nomes do tango mundial. Ali acontecem aulas durante o dia, milongas e show durante as noites do evento.

São poucos os professores que eu ainda consigo escutar. Claro, isso dentro do ambiente do tango ainda são poucos os professores que conseguem falar pelo menos minimamente, dizer o papel daquele que está propondo, daquele que está conduzindo, o papel daquele que escolheu ser conduzido. E aí eu falei, vou fazer também conduzindo para dar oportunidade de mais pessoas fazerem, enfim, aí o Gabi também estava fazendo. Então muitas mulheres ficavam assustadas com o fato de eu estar fazendo o papel do condutor, sabe eu já faço isso há bastante tempo também. Quando a gente dá aula, isso é uma prática comum. Não estou dizendo que os ambientes sejam assim, mas aquele ambiente super elitizado que é uma característica muito presente e aquelas mulheres que escolheram dançar com homens, algumas falaram para mim, “não, obrigada”. Elas preferiam ficar paradas a fazerem comigo.

**Leonardo Taques** — Nessa trajetória há uma peculiaridade pelo fato de que a transição de um lugar mais tradicional binário heteronormativo, presente na experiência de vocês, para um outro mais acolhedor não tenha sido abrupta. Como vocês se relacionam em suas práticas sociais, artísticas e de docência? Essas questões se fazem presentes na realidade de vocês?

**Gabriel Barbosa Ferreira** — Sim, totalmente. O que se chega hoje ainda é bem parecido, mas, às vezes, na verdade, ainda é um senso comum, às vezes é por falta de conhecer mesmo a dança de salão. Às vezes tem dança de salão, ou propriamente o tango, que todo mundo conhece, todo mundo já ouviu falar e sabe o que é. Só que às vezes esses “entres” eles não são muito divulgados, o que aparece geralmente são só essas questões. Então, o que a gente vai tentando é trazer junto com a aula de movimento um pouco dessa relação da reflexão sobre o que a gente está fazendo mesmo, do que para pessoa é o tango.

A gente tem o projeto Tango, experiência que entrou nessa questão também metodológica, pensando numa construção não diretamente a dois, mas também uma relação de auto condução, tanto pensando o homem e mulher quanto qualquer gênero, mas uma questão de que como que eu me acesso primeiro para depois acessar o outro. Criamos algumas estratégias, porque quando a gente fala numa sequência ou numa figura

de tango como um *voleio*<sup>7</sup> ou uma *varrida*<sup>8</sup> tem muita coisa, tem muita informação que já está acontecendo ou até uma própria caminhada, o que é preciso para você caminhar para frente, para trás, para o lado, muita coisa acontece corporalmente para a gente fazer isso. Nessa parte metodológica, a gente tentou traçar algumas matérias-primas, vamos pensar assim, tentar achar o que acontece, como que a gente tenta investigar o nosso movimento para poder chegar na estética dessa caminhada, a que tango as pessoas querem chegar.

**Lidiani Emmerich** — Agente lida com isso sempre também no ambiente pedagógico, é uma dança, a gente media através da escuta. Então, muitas vezes tem alunos que chegam com uma expectativa muito grande, de uma estética específica, e você compor é um desafio porque, hoje em dia, vejo que envolve quase um processo de empoderamento mesmo, de reconhecimento daquele corpo e da importância da singularidade desses corpos para que eles entendam que quando eles se encontram existe uma mágica no simples fato de eles se encontrarem. Então, assim, de se dar tempo para absorver isso para acolher o que está chegando, observar o que se entrega ao outro, acho que é um processo muito poético, e eu percebo que nem todos estão disponíveis a se jogar no processo poético. Às vezes as pessoas estão com uma expectativa muito prática do que elas desejam.

309

**Gabriel Barbosa Ferreira** — A gente não impõe nenhuma forma, nenhum lugar que a gente queira que a pessoa esteja, vai tentando conversar sobre isso, só que isso, essa conversa, às vezes é pelo movimento mesmo. Ela não é só falando diretamente sobre esse tema, mas na pesquisa de movimento. A gente chama de estratégia, vamos traçando algumas estratégias de movimentação, tanto individual como a dois também, que essa relação de condução, de conduzir e ser conduzido, vai se tornando um lugar de combinação, de escolha, então, ele acaba aos poucos, ele vai ficando um pouco mais natural, sem que a gente tenha de apontar ou traçar esses lugares. Existem pessoas que querem dançar só num lugar, de condutora e de conduzido, e está tudo bem.

**Lidiani Emmerich** — Atuar, de que é essa pessoa perceba, de que ainda que ela escolha aquilo que ela entende como ser conduzido. Que ela entenda que está conduzindo. Que a maneira com que ela está naquele momento transforma completamente o modo de

7 *Voleio* figura/passos de dança muito executado geralmente pela mulher, que usa uma das pernas para desenhar um arco no ar.

8 *Varrida* figura/passos de dança, quando os pés do casal se encontram e são arrastados, como o movimento de uma vassoura.

estar da outra pessoa que está com ela. Eu acho que a gente busca atuar nesse lugar. Também de trazer para reflexão coisas que a gente percebe que já estão lá. Coisas que às vezes as pessoas, elas próprias, já vem silenciando. Coisas que, na verdade, a gente não quer silenciar, a gente quer fazer estarem lá, e outras que às vezes já estão falando e que a gente quer neutralizar também, porque às vezes já vem falando uma coisa assim, “aí eu preciso estar assim ou assado para dançar tango”. Não, você não precisa estar de nenhum jeito para dançar, você pode, enfim, apenas dançar.

**Leonardo Taques** — Como casal hetero que dança e leciona há tanto tempo junto, se relacionam com a demanda social que é bem determinada nas questões de gênero?

**Lidiani Emmerich** — A gente fala bastante sobre a equidade etc. A gente pratica muito isso, diz respeito primeiro ao indivíduo, respeito ao que eu sou, respeito ao que eu estou na verdade, e esse entendimento de que eu sou muitas coisas, de que eu me transformo a cada momento e de que isso vai precisar estar nesse jogo constante de agenciamentos.

Mas é fato que às vezes a gente também recebe das pessoas que fazem outro tipo de discussão sobre equidade. Elas falam, “ok, mas para vocês é muito fácil falar, vocês são um casal hétero”. Então acaba que às vezes essa condição invalida o nosso discurso, fica um pouco difícil, mas, sabe, ao mesmo tempo não invalida o que nós sentimos, o que nós acreditamos. Então, vejo, assim, que o que nós fazemos hoje em dia é a pesquisa da nossa vida, não tem a ver só com uma dança a dois ou só com o tango. Tem a ver com nossa vida mesmo, sabe, com a nossa relação com os nossos filhos, nossa família, nossos amigos. A gente vê dança nisso, a gente vê o tango nesses lugares quando nós estamos aqui conversando, e a gente está atuando com escuta, com atenção, com direcionamento para tentar se organizar no pensamento. Por exemplo, a gente está aqui falando, dedicando uma atenção para a gente trazer para ti o máximo de exemplos que possam nutrir a sua pesquisa. Isto é uma dança incrível. A dança das atenções.

**Leonardo Taques** — Existe ainda, na atualidade, algum tipo de violência que vocês sofrem?

**Lidiani Emmerich** — Uma coisa que gostaria de falar antes é o fato de sermos brancos héteros, disso eu não tenho dúvida, isso nos protegeu nesses ambientes também. Então, acho que a gente tem uma série de privilégios sim e não estou querendo retirar. É importante falar. Entendo também que a gente tem um caminho livre para transitar. Tem uma coisa que aconteceu uma vez que eu acho que a gente conseguiu se impor e depois conseguiu melhorar. Foi num congresso de tango lá de São Paulo. Um dia eles nos convidaram para dançar uma coreografia porque eles gostavam da gente, uma que o Gabi toca violão. Eles entraram em contato com a gente para dizer que queriam que a gente dançasse aquela coreografia no congresso de tango. Para surpresa nossa, ela falou assim: “mas a gente gostaria que você dançasse de salto”. Eu falei para ela: “olha, essa coreografia é descalça, a gente pode dançar alguma outra coisa, mas essa composição, ela é como ela é”. Não fomos, e dissemos que quando quisessem, a gente ficaria à disposição. No ano seguinte, nós recebemos novamente um convite, dizendo que gostariam muito que fôssemos dançar e que poderíamos dançar descalços mesmo. E foi assim que eles nos trouxeram para o evento. Até rimos disso. Um momento muito marcante para mim foi quando fomos todos dançar nesse evento uma ronda<sup>9</sup>, com todos os professores, os outros casais, todos com uma beca especial muito relacionada ao que se entende por tango, com paetês, saltos, brilhos, engomados e tudo mais, e a gente descalço como símbolo mesmo, sabe. Léo dentre os outros professores... Este para mim foi um dia especial, foi um dia marcante. Mas eu não me senti assim, vou te falar, da primeira vez, quando ela falou que tinha de ser de salto e tal. Eu me senti agredida, mas a gente vai dançando.

---

<sup>9</sup> Ronda é o nome dado ao momento em que, no ambiente da milonga, são convidadas personalidades, sejam professores, participantes etc., para que dancem juntos em destaque, dispostos no salão em círculo.